

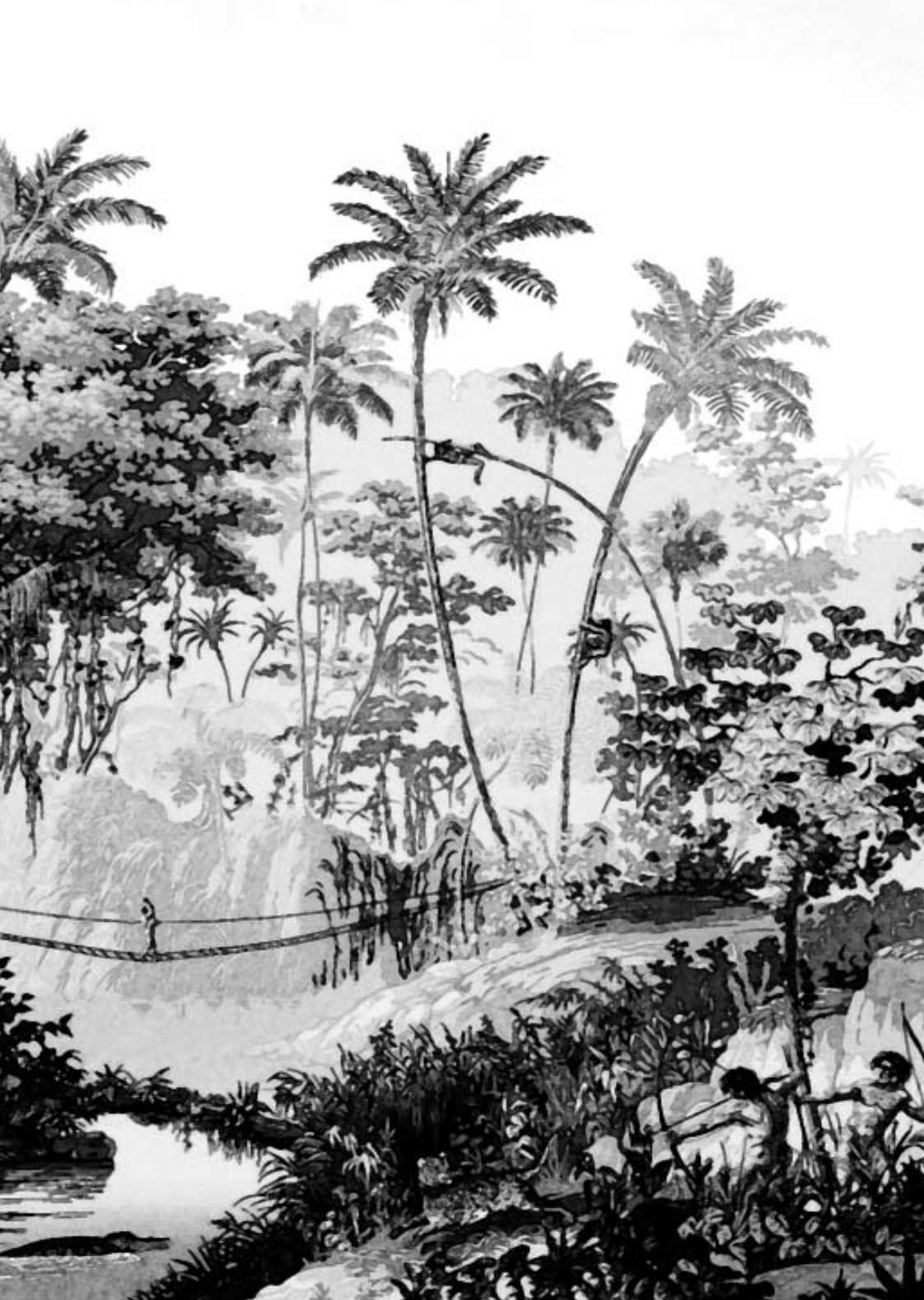
Pedro J. Nunes

A pulga e o jesuíta



CULTURAL & EDIÇÕES TERTÚLIA





© Pedro J. Nunes
2ª Edição: 2014
Tiragem: 1.000 exemplares

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
Caco Appel (cacoappel@hotmail.com)

Fotografias da capa
Do autor

P972p Pedro J. Nunes

A pulga e o jesuíta / Pedro J. Nunes - Vitória: Cultural-
ES; 2014. 2ª ed. 44 p.

ISBN: 978-85-99380-22-2

1. Literatura brasileira. 2. Literatura infantil. I. Títu-
lo.

CDD. 028.5

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra,
por qualquer meio, sem autorização do autor ou da editora constitui viola-
ção da LDA 9610/98.

CULTURAL & EDIÇÕES TERTÚLIA

www.tertuliacapixaba.com.br
tertulia@tertuliacapixaba.com.br

Pedro J. Nunes

A pulga e o jesuíta

Ilustrado pelo autor

2ª edição
2014





Se você quer saber quem eu sou, saiba que sou um índio da tribo tupiniquim. Meu povo foi empurrado para o interior das matas pela perseguição do homem branco que chegou às nossas praias. Por isso se tornou uma gente muito brava. Por isso mesmo também sou considerado um índio bastante feroz. Tanto que meus pais me deram o nome de Arani, que quer dizer “tempo furioso”. E têm esperança de que eu me transforme num grande guerreiro e acabe com o sofrimento em que os “caris”, os homens brancos que chegaram à praia, colocaram nosso povo desde muito tempo atrás.

Mas a verdade mesmo é que eu acho que meus pais estão um pouco decepcionados comigo. Não que eu seja um índio medroso, mas é que eu não dou muita bola para as ideias guerreiras da minha tribo.

Em compensação, falou em caçada e pescaria, lá estou eu, o primeiro da fila. Me apresento logo. Os mais velhos acham muita graça, mas aí eu faço umas ventanias e eles logo se desmancham em elogio:

— Arani! Arani!

— Tempo furioso falou.

E aí me tratam com honras quando trago um grande bagre, o mandiguaçu, espetado em minha lança.



Minhas ideias de paz incomodam meus pais. E incomodam minha tribo inteira. Às vezes todos implicam muito comigo, dizendo que eu tenho “eçaí”, que quer dizer olho pequeno. Querem dizer com isso que eu não sou capaz de enxergar as mesmas coisas que eles.

Mas a verdade mesmo é que quem tem “eçaí” são eles. Eles é que enxergam mal. E não veem o que eu vejo. Nem desejam ver.

Eçaí. Eçaí. Eles não sabiam que eu era “apoena” e que eu enxergava longe e iria enxergar o que não se enxerga.



E o que mais eu via que ninguém mais da minha tribo via? Vou lhes contar.

Para evitar as provocações da tribo, antes que Coaraci, o Sol, clareie o dia, já estou comendo frutas com mel sentado no chão da floresta, encostado numa tatagiba, uma das árvores que mais tem nas





matas daqui. Depois de comer bastante, eu, que sou bom conhecedor das matas, me afasto bastante da tribo. E um dia desses fui parar lá perto de onde o Apiapetanga, o rio grande que Deus deu aos homens, se encontra com o mar.

E o que vi?

No alto da colina, onde a mata foi derrubada, brancos e índios que não eram tupiniquins como eu trabalhavam juntos construindo uma grande... uma grande... mas o que era aquilo? Uma grande oca branca onde coubessem todos?

Era muito, muito grande. Nem todos os muitos que eu dissesse bastariam para falar do tamanho da construção que estava em cima da colina, de frente para o mar que o Apiapetanga alimentava.



Pronto. Quem mandou eu ser curioso?

Naquele dia, caiu a noite e eu nem pensava em voltar para a minha tribo. E em vez de me afastar dos homens brancos, conforme o conselho de meus pais, aí é que me aproximei ainda mais.

Então pude ver que antes que Jaci, a Lua, surgisse, índios e brancos pararam de trabalhar e entraram todos na grande oca. De longe se ouviam cantigas. Mais tarde, saíram todos, dirigindo-se para suas pequenasocas.



Passei a noite pensando:

— E se eu pudesse me transformar num maruim, num mosquitinho?

Depois:

— Ah, eu bem que podia ser uma formiga, uma aimirim.

Porque, pense bem, se eu fosse um pequeno inseto, bem que poderia me aproximar da grande oca e ver tudo o que acontecia lá. Assim como eu era, ainda mais tupiniquim, nem pensar.

No outro dia, quando já terminava a tarde, é que voltei para minha aldeia. Meu pai me roeu as orelhas e me botou de molho no fundo da oca. Sem contar que toda a tribo veio lamentar por Arani, o “tempo furioso”. Sem deixar de soltar piadinhas:

— Esse aí até uma jaguatirica, a onça medrosa, come.

— Um curumim desses, veja só, passar a noite sozinho na mata.

Curumim era demais. Eu nunca fui curumim. Já nasci grande. Meu nome é Arani e eles iam ver só.



Por enquanto eu estava triste, socado no canto da oca. Mais triste ainda eu estava porque não podia ver Jaci, a Lua, com Moema.

Mas quem era Moema, que entrava assim de repente na história?

Moema era a melhor das melhores companhias, a mais doce e linda indiazinha da tribo. Olha, eu até deixava de caçar e andar à toa pela mata se Moema quisesse. Ah, mas se engana quem acha que Moema era disso. Não tinha caprichos. Dizia-me:

— Quando andar pela mata, traga-me um jenipapo.

E recebia-me sempre com doçura e uns olhinhos brilhantes, e eu todo cheio de jenipapos também me derretia todo.

Moema ria comigo, eu ria com Moema, de noite sentávamos na grande pedra e ficávamos caladinhos olhando para a Lua.

Se pudesse vê-la, eu ia lhe contar do que vi: homens brancos e índios da tribo tememinó construindo em paz, como se fossem iguais, uma grande oca, uma muito grande oca de barro, pedra e o que mais pudessem. Porque Moema e eu parecia até que éramos um só de tão igualzinho que a gente pensava.

Entendem por que eu estava ainda mais triste?





Ah, mas não há tristeza que dure para sempre.

Logo que os homens saíram para caçar e as mulheres se ocuparam nas coisas que as mulheres faziam, Moema apareceu no fundo da oca, o dedo nos lábios dizendo silêncio.

E logo que eu contei tudo a ela, me disse:

— É preferível que você vire maruim. Formiga, não, alguém pode pisar em você.

Eu sei, eu sei, e aí ela ia ficar muito triste se alguém pisasse em mim. Mas eu logo me lembrei:

— Mas isso não parece possível.

— Virar um bicho?

— É, virar um bicho.

Ela fez um ar como se dissesse “tolinho”. E acrescentou:

— Você precisa conversar mais com o pajé.



E me contou a história de Jaebé, mais ou menos assim:

Jaebé, um jovem índio, se apaixonou por Ipona, a mais bela jovem da tribo. Ele tinha de vencer várias provas para merecer a mão da pretendida e venceu todas. Faltava uma, porém. O pai de Ipona lhe disse:

— Para provar sua bravura e seu merecimento, você vai ter de ficar sem nenhum alimento por cinco dias. E olhe que outros já morreram tentando.

Jaebé, que era ousado, respondeu:

— Pois eu ficarei nove dias sem comer.

Mesmo que o pai da amada duvidasse, Jaebé foi enrolado num couro de anta e vigiado o tempo todo para que não saísse dali nem fosse alimentado por ninguém. E ele, mesmo sentindo muita fome, se sentia estimulado pela lembrança da amada.

Chegado o último dia, lá se foi a tribo inteira ver o que era de Jaebé. E, para surpresa de todos, e grande felicidade de Ipona, Jaebé saiu da manta todo cheio de si, rápido como um jaguar, cheiroso como um príncipe. E, para espanto geral, começou a cantar como um pássaro e quanto mais cantava mais se encantava, até virar um belo pássaro. Ipona, enfeitiçada pela luz da Lua, aos poucos também foi se transformando na fêmea do mesmo pássaro que Jaebé tinha virado. E não demorou que os dois batessem as asas e se afastassem da tribo.



— Conta o pajé, disse Moema, que assim é que nasceu o João-de-Barro. Pássaro muito respeitado pelos povos indígenas pelo cuidado que dedica à família e cultuado por representar a força do amor, que tudo pode.

Eu, antes que desse por mim, todo empolgado, falei logo:

— Eu faria a mesma coisa que Jaebé.

E fiquei encabulado que só. E não pude deixar de notar que Moema estava também encabulada que só.



Depois da visita de Moema eu fiquei todo empolgado com a aventura que eu ia viver. Não sei muito bem o que iria acontecer, se iria virar maruim, se iria virar aimirim — ai de mim —, só sei que eu queria saber, tintim por tintim, tudo o que tornava possível a convivência pacífica de índios e brancos, coisa em que os da minha tribo nem pensavam em acreditar.

E se vocês pensam que esperei meu castigo passar, estão enganados. Aproveitei que os homens saíram para caçar e as mulheres estavam muito ocupadas nas coisas que as mulheres faziam, passei a mão na minha lança de aroeira e me mandei pela floresta.

Mas antes fui me encontrar novamente com Moema, que me esperava na nossa pedra de sempre.

Ela não estava triste nem alegre. Se eu olhasse bem, talvez parecesse um pouco triste.

— Mosquitinho maruim, volte para mim, ela disse.

Eu suspirei. Não foi de medo, foi de saudade que eu já sentia. Mas antes que eu resolvesse sentir saudades demais, Moema fez algo que nenhum índio havia feito antes: me estalou os lábios no rosto e saiu correndo.

Eu fiquei sabendo muito tempo depois que os caris davam a esse gesto o nome de beijo e achei a palavra cheia de mel.



Eu não tinha nenhuma receita para virar bicho. Moema não soube me explicar, disse que disso o pajé também nada sabia. Mas ela me recomendou que eu desejasse muito, e que no meu desejo pusesse razões justas, porque certas coisas tão sérias assim como virar um bicho tinham de ter justificativas razoáveis.

FIM DA AMOSTRA DO LIVRO.